

BIBLIOTECA APOLOGÉTICA

DIRIGIDA POR DOM AGNELO ROSSI

VOLUME 1

OS PENTECOSTAIS CONSPIRAM CONTRA A BIBLIA

PADRE FLORENCIO DUBOIS, Barnabita



EDITORA VOZES LIMITADA

Petrópolis - Rio de Janeiro - São Paulo

OS PENTECOSTAIS CONSPIRAM
CONTRA A BÍBLIA

BIBLIOTECA APOLOGÉTICA

Dirigida por Dom Agnelo Rossi
Bispo de Barra do Piraí, R. J.

VOLUME I

1956

EDITORIA VOZES LIMITADA — PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

PADRE FLORENCIO DUBOIS, Barnabita

Os Pentecostais Conspiram contra a Bíblia

III EDIÇÃO



1956

EDITORA VOZES LIMITADA — PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 18-8-1956.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

CAPITULO I

QUEM SÃO OS PENTECOSTAIS?

Os protestantes mais espalhados no Pará são os pentecostais, que o povo chama de crentes. Oriundos da América do Norte e do Canadá no século XIX, foram importados na Amazônia por predicantes suecos. O escandinavo Samuel Nystron ergueu, na travessa Nove de Janeiro, a primeira Assembléia dita de Deus.

Doutrina Pentecostal

Segundo os crentes, a Igreja Pentecostal foi, é, e será sempre a verdadeira Igreja, que se manifesta pela descida do Espírito Santo e pelo dom das línguas. A descida e dom linguístico efetuam-se durante a concentração: em completo silêncio, de joelhos, com a fronte no chão, os aderentes esperam pelo Parácleto e logo que o Espírito divino bafeje um assistente, este levanta-se, galga um banco e solta o verbo, em vernáculo ou em idiomas desconhecidos.

Em medicina, os crentes não aceitam remédios de farmácia ou receitas de esculápios: Jesus é quem cura.

Programa Pentecostal

Ao Conselho Geral das Assembléias ditas de Deus cabe: aprovar o bíblico e desaprovar o antibíblico, fomentar a evangelização da terra, unificar os cristãos do mesmo credo, custear as despesas da evangelização com dízimos e outras contribuições.

Cada localidade tem uma Assembléia dita de Deus, e no distrito há uma Assembléia geral, com o encargo de ordenar ministros. Na praxe, cada crente, quando tocado pelo espírito, pode subir ao púlpito. O principal fim dos pentecostais é a guerra anticatólica: levam a ralhar nossos costumes e ritos, nossos sacramentos e mandamentos, nossos dogmas e chefes, porque, dizem eles, os católicos são antibíblicos em tudo, ao passo que as Assembléias ditas de Deus são bíblicas desde o alicerce até à cumieira.

Pentecostais face aos demais Protestantes

Os crentes são alcunhados de anticristãos pelas outras seitas bíblicas. O Almanaque Evangélico Brasileiro de 1922, afirma que os pentecostais, pela doutrina heterodoxa, causam grande mal aos que se esforçam em propagar o cristianismo puro. O pastor doutor (doutor em que?) Manuel Tertuliano escreveu no "Batista Amazônico" (1-1-22): "O trabalho do Senhor em Belém, bem como em todo o Estado, progride a passos largos, mau grado a heresia pentecostista (sic) que tem procurado pôr entraves e estragar o trabalho batista". Tivemos em mão um jornal batista, lá do Rio, que zombava dos pentecostistas, e não dos pentecostistas, como escreveu o doutor batista de Manaus.

Que trazem de novo e de bom os Pentecostais?

Uma coisa não deve ser suprimida, se não há meio de substituí-la por outra melhor. Não me tiram o chapéu velho, se não tiverem um novo de que me façam presente. Antes de riscarem a religião católica, os crentes hão de apresentar uma religião superior, ou então o pior virá depois, como diz o povo. Na verdade, os crentes carregam um saco cheio de negações: dispensam seis dos sete sacramentos e aleijam o sacramento restante; repelem a Missa e o Purgatório; não acreditam no limbo das crianças falecidas sem batismo ou nas orações pelos defuntos; franzem os sobrolhos diante do

culto à nossa Senhora; rangem os dentes contra os santos e imagens; mordem o lábio quando enxergam uma relíquia; não admitem a necessidade das boas obras; criticam o celibato eclesiástico, e, finalmente, são inimigos dos ritos e paramentos litúrgicos. Negativos, os pentecostais podiam ter como emblema um zero ou uma picareta.

Os Pentecostais desfiguram o catolicismo

O crentista confunde alhos com bugalhos. Caricatura o catolicismo para torná-lo ridículo. Por exemplo, conta que julgamos o papa impecável, além de infalível, adianta que as indulgências são uma licença de pecar, mediante pagamento; propala que os padres inventaram a confissão, dá a entender que a Bíblia é proibida pela Igreja e, finalmente, inventa umas tantas falsidades, pondo-as sobre as costas do catolicismo, para melhor refutá-lo. Devastador do alheio, o crentismo não semeia, não planta, não lavra, mas procura colher. Não tendo roça própria, assola a do vizinho. Cava, mina, rói, corta e carrega, como a saúva. Na árvore secular do catolicismo, procura seccionar uma por uma as folhas viçosas, no afã de reduzir tudo a galhos secos.

Invasores de choupanas

Os crentes furam o mato em busca de simplórios: Quem porfia mata caça. São atrevidos, sobretudo na ausência dos donos da choupana. Entram como na casa da sogra, falam alto e grosso, como quem ensina de cátedra. Oferecem, a preço módico, uma Bíblia ou dão de graça um Evangelho destacado. Se encontram crianças, entregam-lhes opúsculos de propaganda. Não enxergam uma imagem de Nossa Senhora ou dos santos, sem deitarem um olhar chamejante de ira. Dizem dos padres o que Mafoma não disse do toucinho. Explicam angêlicamente, com grande luxo de "está escrito", que o católico, se quiser sair da imundície, deve alistar-se entre os crentes, que não fumam, não dançam, não bebem, não cobiçam a mulher alheia, não furtam, não vão a carnavais, não

mentem e que, por cima, chegam direitinho ao paraíso, amparados pelo Espírito Santo. Certos cérebros fracos, impressionados por tanta lábia, caem na armadilha.

Os crentes vivem negociando com Bíblias e cobrando dízimos. Nas Ilhas houve lugares em que os predican-tes, dando como próxima a vinda do Espírito, incita-
vam o povo a desfazer-se de vaidades como as jóias e o dinheiro. Recebiam as vaidades, dizendo que iam atirá-las ao rio, e os ingênuos não compreendiam que tudo desaparecia no bolso dos espertalhões. Os crentes uti-
lizam a imprensa, publicando avulsos, folhetos, opúsculos, semanários: em Belém tinham a *Boa Semente*, que não medrou. Dispõem de pregadores e conferencistas e, quan-
do há culto num bairro, os adeptos dos demais bairros acodem, para dar ao público a ilusão do número. Usam e abusam de visitas em casas amigas, para influencia-
rem algum acanhado, mas o grande recurso é o convite para o culto, na esperança de que o visitante sairá de lá impressionado. Várias denominações protestantes va-
lem-se de hospitais, dispensários e orfanatos, a fim de ganharem popularidade: o crentismo desconhece as obras de assistência social. Apenas, quando afluem aderentes numa localidade, os irmãos do lugar devem hospedagem aos adventícios.

O fim deste livrinho

Como o crentismo nos acusa de antibíblicos em nossa fé, em nossa moral, em nossa liturgia, em nossos sacra-
mentos e em nossa jerarquia, pretendemos demonstrar que antibíblicos são os crentes que dão, a cada passo, um rasgão na Escritura. Provaremos facilmente que vi-
vemos de acordo com a Bíblia e que não temos uma praxe condenável em nome do Livro Santo.

O leitor de boa fé julgará nossos argumentos, tirados da Palavra Escrita e do bom-senso.

CAPÍTULO II

ENCONTRAMOS NA BÍBLIA A IGREJA CATÓLICA

Ferir os bispos-pastores para dispersar o rebanho dos fiéis foi a tática de Juliano Apóstata: é a manobra dos pentecostistas. Os protestantes, com a sua poeira de seitas, invejam nossa organização, a mais antiga, a mais sensata e a mais forte do mundo, que tanta admiração provocava em Augusto Comte. Querem anarquizar nossa Igreja e, isso fazendo, injuriam a Bíblia.

Na Bíblia temos a Igreja católica

No Antigo Testamento reinou a sinagoga, em que Jesus e S. Paulo pregaram: a sinagoga foi a precursora da Igreja, menina dos olhos do Mestre, se permitirem a expressão. Jesus comparou sua Igreja a um rebanho dirigido pelo pastor; à videira unificada no tronco; a uma sociedade de um só Deus, de uma fé única, de um só batismo (Ef 4, 3). Implorou a união dos fiéis: "Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que eles sejam um, assim como somos" (Jo 17, 11). "Contra esta Igreja não prevalecerão as portas do inferno" (Mt 16, 18). Esta Igreja tem direito a ser obedecida: "Se alguém não ouvir a Igreja, seja para vós um pagão e um publicano" (Mt 18, 17). Por terem ludibriado a Igreja, Ananias e Safira tombaram fulminados. Profanam, desacatam e vilipendiam o Antigo e o Novo Testamento aqueles que negam uma Igreja única, eterna e rica de poderes.

A Igreja católica recebe no Novo Testamento um chefe: Pedro

A Igreja católica é um Supremo Tribunal com o seu presidente: a primazia de S. Pedro repousa em muitos tópicos. Pedro é a pedra-alicerce, recebe a chave do reino dos céus, ampara os irmãos: "Roguei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça e tu, quando convertido, conforta teus irmãos" (Lc 22, 31). "Apascenta meus cordeiros, apascenta minhas ovelhas" (Jo 21, 15). S. Pedro é sempre o primeiro na enumeração dos apóstolos, o primeiro a ver o Cristo ressuscitado, o primeiro a propor um substituto de Judas, o primeiro a catequizar os judeus, o primeiro a realizar um milagre público, o primeiro a castigar os remissos, o primeiro a converter gentios ou pagãos, o primeiro no concílio de Jerusalém. E assim por diante! Se tivessem amor ao Novo Testamento, os crentes pertenceriam ao rebanho de Pedro e deixariam de lado os mercenários suecos.

O Novo Testamento coloca os Apóstolos ao lado de Pedro

Ao lado de Pedro Jesus colocou os Apóstolos, a quem disse: "Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a cada criatura" (Mc 16, 15). "Ide, ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28, 19). "Fazei isto (a consagração) em minha memória" (Lc 22, 19). "Recebei o Espírito Santo: os pecados serão remitidos a quem os remitirdes e retidos a quem os retiverdes" (Jo 20). "Tudo quanto ligardes sobre a terra será ligado no céu, e tudo quanto desligardes sobre a terra será desligado no céu" (Mt 18). Aos Apóstolos S. Paulo chama ministros de Cristo e dispensadores dos mistérios de Deus (1 Cor 4). Durante três anos Jesus preparou os apóstolos que destinava a pregadores, santos e mártires. A pregação é, pois, dos apóstolos nos primitivos tempos da Igreja: hoje, os pentecostais fazem da pregação um berimbau que preto toca.

Ao lado dos Apóstolos o Novo Testamento coloca os Bispos

Em breve tempo, os apóstolos necessitaram de auxiliares, seus futuros sucessores, porque a Igreja sobreviveria aos Doze: "Envio-vos como meu Pai me enviou: todo poder foi-me dado no céu e na terra. Ide, ensinai todas as nações, guiando-as na observação das coisas que vos ensinei, e eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (Mt 28, 18). Os auxiliares e futuros sucessores dos apóstolos foram os Bispos. Objetam que bispo é sinônimo de presbítero. Às vezes é porque a terminologia eclesiástica ainda estava na infância. Contudo, há textos em que aparece a classe episcopal superior à presbiterial. O Cristo "deu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, outros para pastores e outros para doutores" (Ef 4, 11). Nesta enumeração está graduada a jerarquia católica, mas vamos ao episcopado. Acha-se mencionado na sucessão de Judas: "outro que lhe tome o episcopado!" (At 1, 20). Não se dirá que Judas era simples presbítero, uma vez que fizera parte dos Doze. S. Pedro intitula-se de bispo: "Éreis como ovelhas desgarradas, mas agora vos haveis convertido ao pastor e bispo de vossas almas" (1 Pd 2, 25). Ao bispo cabe a direção do rebanho, múnus que exige mais que o presbiterato: "Olhai por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos para apascentardes a Igreja de Deus, a que adquiriu com o seu próprio sangue" (At 20, 28). As Epístolas a Timóteo e Tito encarecem a responsabilidade episcopal, com uma solenidade que assenta melhor em bispos do que em presbíteros. Tito recebe a incumbência de estabelecer presbíteros em vários lugares, e isso prova que o bispo Tito mandava nos presbíteros. O bispo é, segundo o Apocalipse, o anjo da Igreja a mandar em presbíteros e fiéis. Aliás, antes de suprimir os bispos católicos o crenatismo andaria melhor suprimindo os bispos metodistas, luteranos, anglicanos, episcopalistas e calvinistas húngaros.

Há pouco, os bispos noruegueses escreveram uma pastoral coletiva contra o nazismo, e estes bispos são luteranos. Em nome da Bíblia, há protestantes que se julgam com o direito à mitra e ao cajado, e é de estranhar que os pentecostais, vindos a combaterem o episcopado brasileiro, deixassem em paz o arcebispo luterano de Upsala, na pátria deles.

O Novo Testamento menciona Padres nomeados pelos Apóstolos e Bispos

Como vemos na parábola do bom samaritano, havia sacerdotes e levitas entre os hebreus. Os padres na Igreja receberam o nome de presbíteros, que os protestantes traduzem pela palavra anciãos, mas os anciãos do povo eram chamados seniores e não presbíteros, como vemos em S. Mateus, 28, 47: Com Judas veio "uma grande multidão com espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos (senioribus) do povo". Havia uma diferença entre o sacerdote e o ancião, como lemos em Ezequiel (7, 26): "do sacerdote perecerá a lei e dos anciãos o conselho". Depois de Cristo a palavra presbítero valeu por sacerdote, e não por ancião ou velho. Em português temos presbítero, presbitério, presbiterato, presbiteriano, preste (em arcipreste). Em italiano: prete. Em francês: prêtre. Nas línguas nórdicas: priester. Agora vamos aos textos.

S. Tiago manda chamar o presbítero para confessar e ungir o doente, e rezar sobre ele. Confessar, ungir e rezar são ofícios do sacerdote e não do ancião.

"Os presbíteros que governem bem, sejam honrados com estipêndio dobrado, principalmente os que labutam na pregação e no ensino" (1 Tim 5, 17). Governar a Igreja, pregar, ensinar e receber a cônica é do padre, não do velho.

S. Paulo ordena presbíteros em cada igreja (At 14, 22) e Tito tem ordem de estabelecer presbíteros em Creta (Tt 1, 5). A ordenação e o estabelecimento são de padres e não de anciãos.

Não recebas acusação contra o presbítero, senão com duas ou três testemunhas (1 Tim 5, 19). O caráter sacerdotal do presbítero exige dos acusadores toda a prudência, prudência que ninguém recomendaria especialmente em se tratando de velhos ou anciãos. Os crentes enxergam na Bíblia muitos anciãos e nenhum padre: o pior cego é aquele que não quer abrir os olhos.

Com certeza, presbítero designou o sênior ou ancião etimologicamente, mas passou a significar sacerdote. Batismo quer dizer mergulho etimologicamente, mas veio a designar o primeiro sacramento, mesmo quando passou a moda da imersão. Escrúpulo era, no princípio, uma pedrinha no sapato, mas hoje indica incômodos de consciência: a gente, apesar da etimologia, não tem mais escrúpulos nos pés, e sim na cabeça. As expressões mudam de sentido com os tempos, mas presbítero continuará a ser ancião no crentismo, para todos os efeitos: o dicionário que se dane!

Sob a chefia dos Apóstolos, Bispos e Padres, o Novo Testamento coloca os Diáconos

Não há diáconos no crentismo, mas há diáconos na Bíblia. Um belo dia disseram os Apóstolos: "Não é razoável que deixemos, nós, a palavra de Deus e sirvamos às mesas. Escolhei, pois, irmãos, sete varões de boa fama, cheios do Espírito Santo e sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio" (At 6, 3). O povo elegeu, os Apóstolos impuseram as mãos e surgiram os sete diáconos Estêvão, Filipe, Prócoro, Nicânor, Timão, Pármenas e Nicolau. Se o primeiro foi o protomártir da Igreja, o último foi o proto-herexe da mesma.

Vemos diáconos e até diaconisas entre os anglicanos, luteranos, batistas, metodistas e episcopalianos. O diaconato, aceito por certos protestantes em nome da Bíblia, é negado pelos crentes em nome da mesma Bíblia. E durma-se com um barulho desses, com essa confusão babélica!

Os pentecostais fogem da jerarquia católica como o diabo corre da cruz. Mostram-se antibíblicos, pois encontramos na Escritura Sagrada referências à Igreja, à chefia de Pedro, aos Apóstolos, aos bispos, aos sacerdotes e aos diáconos. Para resistir a essas citações do Livro Santo, só mesmo o endurecimento crentista.

Quando Jesus se intitula de Cristo, de Filho de Deus e de Filho do Homem que sentará à direita de Deus e que virá sobre as nuvens, o sumo sacerdote rasgou os vestidos e disse: "Blasfemou; para que mais precisamos ainda de testemunhas?" (Mt 26, 65). A mesma ira manifestam os crentes quando justificamos, em nome da Escritura, a Igreja, a primazia de Pedro, a missão dos Apóstolos, a fundação do episcopado e do sacerdócio, assim como a instituição dos diáconos. Os pentecostais batem o pé, arreganham os dentes e, só por economia, não rasgam a fatiota, quando lhes mostramos, no Novo Testamento, a grande multidão de dignitários eclesiásticos, desde o simples diácono até o chefe dos apóstolos.

CAPÍTULO III

O NOVO TESTAMENTO ALUDE AOS SETE SACRAMENTOS

Entre os protestantes há discórdia sobre o número dos sacramentos. Em nome da Bíblia, Lutero admitiu três no princípio e dois ao depois: os três eram o batismo, a eucaristia e a penitência que, em seguida, foi posta fora. Os quadrissacramentários, como a palavra indica, queriam quatro sacramentos: os três de Lutero e a ordem. Melancton foi quadrissacramentário. Em geral, as maiores denominações aceitam, sempre em nome da Bíblia, os dois grandes sacramentos e cinco pequenos. Os sacramentos maiores são o batismo e a ceia. A Igreja ortodoxa (grega, cismática) conta sete sacramentos igualmente importantes, como a Igreja católica.

O Batismo consta da Bíblia

O primeiro sacramento teve as suas figuras na circuncisão, nas abluções e purificações do rito mosaico. Jesus recebeu o batismo de João, no rio Jordão: daí o nome de rio Jordão aplicado a qualquer córrego em que os crentes mergulham em Jesus o neófito, como eles lá dizem. O batismo pentecostal, pelo Espírito Santo, parece mais uma cerimônia comemorativa do que um sacramento que nos livre da mancha original, nos torne filhos da Igreja e nos faça bons cristãos. O catecúmeno, bem ou mal encamisado, afunda-se três vezes na água, em honra das três pessoas da Santíssima Trindade.

Não está provado que, na primitiva Igreja, todos os batizados fossem por imersão. Durante o Pentecostes, S. Pedro cristianizou de vez três mil pessoas, que dificilmente seriam mergulhadas no rio, porque em Jerusalém não há grandes cursos de água. Cornélio foi batizado em casa e o carcereiro de Pedro na cadeia, longe de qualquer rio Jordão. Uma velha pintura da basílica de São Lourenço representa o diácono S. Lourenço a derramar água sobre a cabeça de S. Romano. Por decência, por falta de rios, por higiene em países frios, a Igreja deu de mão à imersão dos catecúmenos.

Confirmação (Crisma)

Os crentes deveriam adotar a crisma, sacramento do Espírito Santo, recebido pelos Apóstolos no Pentecostes. A lógica não faz parte da igrejainha pentecostal, e a confirmação não figura em Assembléias ditas de Deus. Entretanto, figura em bom lugar no Novo Testamento. S. Pedro afirma que foi predita pelo profeta Joel: Foi dito pelo profeta Joel: nos últimos dias acontecerá que derramarei o meu espírito sobre toda a terra (At 7, 17).

S. Pedro e S. João vão a Samaria confirmar, impondo-lhes as mãos e comunicando-lhes o Espírito Santo, aos samaritanos batizados (At 8, 14). Depois de batizar os efésios, S. Paulo impõe-lhes as mãos e sobre eles baixou o Espírito Santo (At 19). O Novo Testamento faz da crisma a confirmação do batismo: dali o nome de segundo sacramento. Os anglicanos crismam. Os luteranos dão o nome de confirmação (Firmung) ao exame de admissão à Ceia. Os pentecostais, contradizendo a própria designação, recusam o dom do Pentecostes, isto é, a descida do Espírito Santo pela confirmação. Assim procedendo, pecam contra a Bíblia e contra o próprio nome.

Penitência (Confissão)

Quantas vezes a Escritura fala em remissão dos pecados, prefigurada por Moisés a exigir que o homem

ou a mulher, que tivesse prejudicado ao próximo com infidelidades a Jeová, fossem confessar o pecado! (Nm 5, 6).

O poder de perdoar os pecados foi prometido pessoalmente a S. Pedro: "Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e tudo quanto ligares sobre a terra será ligado no céu, e tudo quanto desligares sobre a terra será desligado no céu" (Mt 16, 19).

O poder de perdoar os pecados foi prometido coletivamente aos apóstolos: "Em verdade vos digo, tudo quanto ligardes sobre a terra será ligado no céu, e tudo quanto desligardes sobre a terra será desligado no céu" (Mt 18, 18).

O poder de perdoar os pecados foi concedido aos Doze: "Recebei o Espírito Santo: os pecados serão remitidos a quem os remitirdes e retidos a quem os retiverdes" (Jo 20, 23).

O poder de perdoar os pecados foi exercido no tempo dos apóstolos. Debalde alguns judeus tentaram expulsar um demônio que, recalcitrante, maltratou os exorcistas. De pavor, os cristãos de Éfeso vieram confessar os pecados (At 19, 17). Em nome de Jesus Cristo, S. Paulo perdoa ao pecador Corinto (2 Cor 2). E S. Tiago recomenda a confissão do doente, na extrema-unção (5, 15).

Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados e purificar-nos de qualquer injustiça (1 Jo 1, 9). Aqui está indicada a confissão sacramental com o perdão em seguida à confissão. Deus é fiel à sua promessa de perdoar aos que se confessam. Ora, Deus nunca prometeu perdoar aos que se confessarem simplesmente com Deus, mas sim aos que se confessarem aos apóstolos.

Os crentes dispensam a confissão porque são lavados por Jesus, diretamente: que felizardos! Entretanto, a Bíblia não fala nesta limpeza direta.

Eucaristia (Comunhão)

Os pães de proposição, os pães ázimos, o maná e o cordeiro pascal simbolizaram a Eucaristia, na Lei antiga. A Ceia do Senhor é celebrada em certas igrejas protestantes. A anglicana, a ritualista e a primitiva luterana aceitavam ou aceitam a presença real. As demais seitas fazem da Ceia uma comemoração piedosa, como fazemos do lava-pés, por exemplo. A presença real consta dos Evangelhos, mas lançaremos mão do texto de S. Paulo: Então, o cálice de bênção que benzemos não é a comunhão do sangue de Cristo? E o pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo? (1 Cor 10, 16).

Certos protestantes chamam-nos de papa-hóstias ou de teófagos. Somos, de fato, comedores do corpo de Deus, e devemos comê-lo em estado de graça: Quem comer desse pão ou beber indignamente o cálice do Senhor, será réu do corpo e do sangue do Senhor. Quem comer desse pão e beber indignamente o cálice do Senhor, come e bebe para si a própria condenação, por não distinguir o Corpo do Senhor (1 Cor 11, 29).

Em outros termos, quem comunga indignamente é assassino do Senhor. Quem comunga indignamente, come a própria sentença de morte. Palavras fortes, palavras claras, que os crentes desconhecem, ou porque não manuseiam a Bíblia, ou porque não a compreendem. A comunhão teve, no começo, o nome de fração do pão, e foi geral entre os primeiros fiéis. Se a Igreja é a do Pentecostes, os crentes deveriam imitar os primeiros convertidos, batizados no Pentecostes: Os três mil convertidos perseveraram na doutrina dos apóstolos, na comunicação da fração do pão e nas orações.

Os pentecostais de hoje, abandonando a doutrina dos apóstolos, não conhecem a fração do pão e rezam muito mal.

No primeiro dia da semana, os cristãos chegaram a Tróada com S. Paulo, para a fração do pão (At 20, 7).

Extrema-Unção

O uso sagrado do óleo é essencialmente bíblico: entretanto falta no crentismo, que se gaba de acompanhar o Livro Santo. Jacob, depois de ungi-la, faz da pedra que lhe serviu de travesseiro um altar (Gn 28, 18). Moisés ungiu os altares e acessórios do tabernáculo. Aarão recebeu, com os filhos, a unção do sacerdócio e toda a descendência de Aarão se consagrou ao Senhor (Êx 29, 7). Saul foi consagrado por Samuel, que lhe derramou azeite sobre a cabeça (1 Rs 10) e David recebeu a mesma unção régia (1 Rs 16, 13). Salomão foi ungido pelo sumo sacerdote Sadoc e pelo profeta Natan (3 Rs 1, 36). Messias e Cristo significam ungido em hebraico e grego, respectivamente.

A unção abolida pelos protestantes, além de ser um uso judaico, foi também um uso apostólico. Aos doentes os Apóstolos ungiam e curavam (Mc 6, 13). S. Tiago (5, 14 ss) recomenda a extrema-unção. Embora separadas desde séculos, a Igreja oriental e a Igreja católica utilizam o óleo santo em quase todos os sacramentos, com excessão da penitência, da eucaristia e do matrimônio. As duas Igrejas rivais foram buscar a unção na mesma fonte: na Escritura. Os crentes descobrem muita coisa na Bíblia: só ali não enxergam a unção dos reis, dos sacerdotes, dos altares e do tabernáculo. E gabam-se de bíblicos!

A Ordem ou Ordenação

Houve três sacerdócios na Lei Antiga: o primeiro foi dos reis, príncipes, patriarcas e chefes de casa, que presidiam aos sacrifícios da nação, da tribo ou da família; o segundo sacerdócio foi de Melquisedec que, oferecendo o pão e o vinho, simbolizou o sacerdócio do Cristo; o terceiro foi de Aarão e da casta sacerdotal.

Hoje temos o sacerdócio de Jesus Cristo, de que os padres são ministros. Quem batiza e crisma é Jesus; quem perdoa os pecados e se dá na comunhão é Jesus; quem unge os doentes e os sacerdotes é Jesus; quem

recebe o *sim* dos nubentes é Jesus. Em todos os sacramentos o sacerdote é o representante do sacerdote que é Jesus.

O sacerdócio aparece no Novo Testamento com o rito da imposição das mãos. Assim foram ordenados os diáconos: "Apresentaram-se aos Apóstolos e estes, orando, impuseram-lhes as mãos" (At 6, 6). Antes de seguirem para Chipre, Barnabé e Paulo recebem a imposição das mãos. Escreve S. Paulo a Timóteo: "Não desprezes o dom que há em ti, o qual te foi dado por profecia, com a imposição das mãos do presbítero" (1 Tim 4, 14). "A ninguém imponhas apressadamente as mãos" (1 Tim 5, 22). "Lembra-te de despertares o dom de Deus que existe em ti pela imposição das mãos" (2 Tim 1, 6).

Quanta prudência e quanto zelo requer a ordenação! Sobressai melhor a ordenação sacerdotal na carta aos Hebreus, 4: "Todo o pontífice é tirado do meio dos homens e constituído a bem dos homens no tocante às relações com Deus, para oferecer dons e sacrifícios pelos pecados deles". Temos a escolha, a vocação: todo o pontífice é tirado do meio dos homens. Temos a ordenação: todo o pontífice é constituído a bem dos homens. Temos o fim religioso: todo o pontífice é constituído para as relações com Deus. Temos a missa: todo o pontífice é constituído para oferecer dons e sacrifícios. Temos a propiciação: todo o pontífice oferece sacrifícios pelos pecados dos homens. Se os crentes não lobrigam ali a descrição do sacerdócio da Nova Lei, não há óculos que lhes possam esclarecer a vista. Em vez de andarem com a Bíblia debaixo do braço, fariam melhor abandoná-la nas prateleiras, entregue às traças.

Matrimônio

Embora não reconheçam no matrimônio um sacramento, há casamentos na seita pentecostal que têm, com estas núpcias, o ensejo de reunir adeptos e de alardear prestígio.

Nos tempos de Jesus existia o casamento hebraico-religioso. Jesus repele o divórcio, o libelo de repúdio e desquite, desgostando profundamente alguns ouvintes que murmuram: Antes não casar!

O que Deus uniu, o homem não o separe (Mt 19, 6).

Não lestes que o homem deixará pai e mãe e, unindo-se à esposa, serão dois numa só carne? Assim não são dois mas uma só carne (Mt 19, 4).

Porque o marido é cabeça da mulher como Cristo é cabeça da Igreja que é seu corpo, de que é Salvador. Como a Igreja vai sujeita ao Cristo, assim o estejam as mulheres aos seus maridos. Maridos, amai vossas mulheres assim como Cristo amou a sua Igreja (Ef 5, 32).

O caráter religioso, cristão e sacramental do matrimônio brilha em muitos versículos da Escritura, mas de um modo especial na epístola aos Efésios. Leiam os crentes este trecho terminante e sustentem, se puderem, que o matrimônio sacramental é antibíblico.

CAPÍTULO IV

AS OBRAS DE PENITÊNCIA SÃO BÍBLICAS

Os crentes não se conformam com a abstinência da carne, com o jejum, com o cilício, com a cinza, com os votos de Deus, com as ofertas ou promessas e com outras expiações que lhes cheiram a novidades. Novidades! Mas tudo isso, e mais alguma coisa, está na Bíblia em letras de forma!

Estejam ou não na Bíblia, são velharias mosaicas, incompatíveis com o século XX.

Com perdão da irreverência, os pentecostais fazem da Escritura um pau de dois bicos. Se o texto sagrado lhes sorri, como na suposta proibição das imagens, clamam que as ordens de Moisés devem ser cumpridas à risca. Pelo contrário, se o Livro Santo os desfavorece, como no caso do jejum, clamam que a palavra de Moisés não está mais em vigor. Quantas medidas terão os crentes? A Igreja, amparada na Bíblia, conservou certos costumes penitenciais e pretende, com isso, ser mais bíblica do que os biblieiros da Assembléia dita de Deus.

Abstinência de carne

Nas quartas-feiras da Quaresma, por exemplo, os católicos observam a lei do magro, com forte escândalo dos protestantes que remoem: O que entra pela boca não mancha o coração do homem (Mt 15, 3). Comei o que vos é apresentado (1 Cor 10, 27).

Estas citações entram no assunto como pedrinhas no arroz cozido. Entre as carnes proibidas aos hebreus ci-

taremos o sangue, certas partes da banha, os animais sufocados, os animais mortos de doença ou degolados por feras, as carnes sacrificadas aos ídolos e os bichos impuros. Entre esses contavam-se o camelo, o coelho, a lebre, o porco, o peixe de pele, a águia, o avestruz, a gai-vota, o íbis, o cisne, a cegonha, etc... O pão fermentado era proibido na semana da Páscoa e havia uma abstinência especial para os sacerdotes em serviço e para os nazireus.

A abstinência católica é uma brincadeira infantil, se comparada com os rigores da abstinência mosaica. Se fossem bíblicos, os crentes não petiscariam os pratos condenados por Moisés (Lv 7, 11).

O jejum consta da Bíblia

Moisés jejuou quarenta dias (Êx 34). Elias jejuou quarenta dias (3 Rs 19). Jesus jejuou quarenta dias (Mt 4, 1-11). Desses quarenta dias veio a palavra Quaresma, de quadragésima ou quarentésima. O jejum figura centenas de vezes na Bíblia: com o repelirem o jejum, os crentes são transgressores da Bíblia.

Os hebreus usavam o cilício

Vestimenta penitencial, feita com pelos de cabra ou camelo, o cilício ficava sobre a pele por mortificação. Era também chamado saco. Tomei por vestido um cilício, e fui para com eles escárnio (Sl 68). Quando me molestavam, vestia-me com cilício (Sl 34). Diante do anjo do Senhor, David e os anciãos, cobertos de sacos, prostraram-se de face no chão (Crônicas 21). Segundo Jonas, em Nínive, os homens e até os animais foram cobertos com o cilício em sinal de luto geral (Jn 3, 8). No dizer de Jesus, Tiro e Sidônia se teriam penitenciado na cinza e no cilício, se houvessem recebido as graças outorgadas a Corozaim e Betsaida (Mt 11, 21).

O uso do cilício por santos e por penitentes apóia-se na Escritura e deveria ser adotado pelos crentes, mas estes escolhem na palavra de Deus o que lhes agrada e deixam de lado o que lhes parece amargoso.

A cinza simbolizava a desolação entre os judeus

Divertem-se os crentes com a nossa quarta-feira de cinzas. Leiam a Bíblia e verão a cinza utilizada em dias de tristeza.

Job coloca sobre a pele um cilício e cobre de cinzas os cabelos (Job 16, 16). Job repreende-se a si mesmo e faz penitência no pó e na cinza (Job 42). Daniel procura a Deus com orações, rogos, jejum, cilício e cinza (Dn 3, 9). Mardoqueu, tio da rainha Ester, cobre de cinzas a cabeça, em sinal de dor pelo próximo extermínio dos judeus. Os crentes serão superiores a Job, a Daniel, a Mardoqueu, que se cobriram de cinzas, no auge da aflição? Preferimos os exemplos de Job às censuras dos pentecostais.

Ofertas ou promessas

Os crentes zombam das nossas promessas aos santos. Ora, as promessas datam do tempo em que Adão era cadete: vejam as promessas de Abel e Caim! Depois da purificação, o homem ou a mulher oferecia dois pombinhos, um pela expiação do pecado, e outro para o holocausto (Lv 15). A parturiente, no dia de sua purificação no Templo, oferecia um cordeiro, ou, quando pobrezinha, dois pombinhos (Lv 12, 8). O óbolo da viúva é mais apreciado do que as ricas ofertas dos opulentos (Lc 21).

Antes de ofereceres o teu dom, se recordares que andas irado com teu irmão, vai primeiro reconciliar-te e volta com tua oferta (Mt 5, 24).

Qual é o maior? pergunta Jesus. A oferta ou o altar que santifica a oferta? (Mt 23, 19).

A Bíblia cita ofertas de frutas, cereais, cordeiros, pombinhos e dinheiro, que muito se parecem com as ofertas católicas de flores, velas, toalhas, óleo e dinheiro. Ainda aqui estamos ao lado da Bíblia, quando os crentes ficam a quilômetros de distância. São eles os bíblicos, e somos nós os antibíblicos!

Os judeus faziam votos a Deus

Os judeus não faziam somente promessas ao altar, ou ao Templo: também dirigiam votos a Deus, como nós. Era célebre o voto do nazireato: o nazir abstinha-se de vinho, de qualquer bebida fermentada e deixava os cabelos crescerem. Havia o nazireato temporário e o perpétuo, mas esse era mais raro. Jacob fez voto de transformar em casa de Deus uma pedra, se conseguisse alcançar são e salvo a casa paterna (Gn 28); assim, certos cristãos fazem voto de levantar uma capela, depois de escaparem ao naufrágio. Jefté fez o voto imprudente de sacrificar a quem, saindo-lhe de casa, viesse primeiro ao seu encontro: e saiu-lhe a filha que, dois meses depois, foi sacrificada (Jz 11); assim, certos pais fazem o voto de consagrar a Deus o menino, uma vez livre de uma doença perigosa.

Ao Senhor vosso Deus fazei promessas e cumpri-as; todos os que o rodeiam tragam presentes ao "Terrível"! (Sl 75, 12)

Quando a Deus fizeres algum voto, não demores em cumpri-lo, porque lhe desagrada a promessa infiel e imprudente. Antes não fazer voto do que não cumpri-lo, depois de havê-lo feito (Ecle 5, 4).

Os crentes deveriam fazer votos como os judeus e os cristãos, de acordo com a Bíblia. Na realidade, a vida pentecostal está em contínua contradição com a Escritura.

Penitências na Bíblia

Entre as boas obras que os protestantes declaram inúteis destaca-se a penitência. O crente não precisa fazer penitência, porque tem a certeza da salvação. Bastarão umas citações a demonstrarem que a penitência, a primeira coisa pregada no Evangelho, é a primeira obrigação dos cristãos.

Raça de víboras, fazei dignos frutos de penitência!, diz o Batista aos fariseus (Mt 3, 8).

E o Batista foi percorrendo em toda a terra do Jordão, pregando o batismo de penitência para remissão

dos pecados (Lc 3, 3). O batismo de S. João Batista era um sinal vivo de penitência, pois como a água do batismo purificava o corpo, assim o arrependimento devia purificar as almas.

Haverá maior alegria no céu por um pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência (Lc 15, 7). A penitência é, pois, a salvação do pecador, segundo o Evangelho, mas como não há pecadores entre os crentes, compreende-se que a Assembléia dita de Deus se desinteresse do arrependimento, dos jejuns, das macerações, da disciplina e quejandos modos de castigar o corpo, para reduzi-lo à servitude, como dizia S. Paulo aos Coríntios (1, 9, 27). Fugindo de qualquer penitência, o crente pode ser pentecostista, mas não é e nunca será bíblico ou evangélico.

Festa da expiação

Além de penitências particulares, os judeus praticam a penitência coletiva, na festa da Expição, também chamada do Grande Perdão, ou Yom Kippurim. Esta festa recorda a ira de Moisés, que rompeu as tábuas da Lei, diante dos adoradores do bezerro de ouro. O sumo sacerdote imolava um bezerro e sobre ele confessava os próprios pecados e os pecados do povo. Os israelitas ofereciam dois bodes: um para o sacrifício, e o outro para ser expulso no deserto, carregando as faltas do povo. Com o sangue do bezerro e do bode sacrificado, o Sumo Sacerdote aspergia o altar de ouro e o véu do santuário e, finalmente, imolava dois carneiros, um para si mesmo, e o outro pelo povo. Na festa da Expição, o jejum era rigoroso durante vinte e quatro horas. O povo confessava dez vezes os pecados em memória das dez vezes que Moisés pronunciou o nome de Deus. Havia reconciliação geral. Esta festa de Yom Kippurim é de ordem rabínica, mas baseada sobre a lei mosaica.

Ameaçados de destruição dentro de quarenta dias (sempre a Quaresma), os Ninivitas decretam uma expiação pública, uma penitência geral que, além dos ho-

mens, envolve os animais submetidos ao cilício e ao jejum. A expiação é pregada nos livros de Job, Jeremias e Ezequiel. Só não é pregada nas Assembléias ditas de Deus: os crentes recusam afligir a alma como os judeus, e fazer dignos frutos de penitência como os cristãos. Se não fosse indiscrição, perguntaríamos a que lhes serve a Bíblia, uma vez que repelem toda e qualquer praxe penitencial, claramente indicada no Livro Santo?

CAPÍTULO V

OS NOSSOS RITOS PERANTE A BÍBLIA

Nossas cerimônias obedecem à Bíblia, como a falta do ritual entre os crentes é uma afronta à mesma Bíblia. Certos pobres invejosos acoimam de inútil e luxuosa a mobília do vizinho mais remediado ou mais caprichoso: assim os crentes criticam a liturgia vistosa da Igreja. Sentem arrepios quando se lhes fala em cera, incenso, santos óleos, água benta, altar, alfaias, paramentos, sinos, estandartes e procissões. Entretanto todas essas coisas são mencionadas, direta ou indiretamente, nos livros da lei e dos profetas, em que pese aos irmãos das Assembléias ditas de Deus.

Cera

Seja a cera, por exemplo. Os crentes contentam-se com a eletricidade ou com um lampião de querosene, segundo as localidades, para a iluminação litúrgica. Os católicos adotam a cera de abelha. Na verdade, os hebreus desconheciam a cera, mas serviam-se do óleo, em cerimônias do Templo, onde havia um castiçal ou candelabro de sete hastes ou pontas, terminadas com um recipiente de ouro em que ardia o azeite de oliveira, espremido num gral especial. A Igreja queima o óleo na lâmpada do Santíssimo e em lâmpadas votivas. Certas igrejas protestantes (anglicana, ritualista, luterana) recorrem também à cera nos atos do culto. Óleo ou cera, o essencial é a iluminação diante do Senhor, como diz o Êxodo 27, 20.

Os crentes, tão orgulhosos com as suas Bíblias nas ruas e praças, andariam melhor se abrissem a Escritura nos trechos em que Moisés exige, para o cerimonial, o brilho e o calor das luzes: um culto sem uma luz simbólica ou ritual não faz jus ao nome de culto.

O incenso

Se tivessem um pouco menos de bíblias na mão e um pouco mais de Bíblia na cabeça, os crentes queimariam incenso em louvor a Deus, como faziam os judeus. Entre os presentes dos magos em Belém figura o incenso, ao lado do ouro e da mirra. Enquanto esperava pela volta de Zacarias, o povo ficava orando fora, na hora do incenso (Lc 1). Havia o altar mosaico do incenso, em pau cetim (Êx 30). A subida da oração é comparada com a fumaça do incenso, no salmo 140. No Apocalipse, os anjos eleitos manejam o turíbulo diante do Altíssimo. Não há cheiro de incenso nas Assembléias ditas de Deus e, entretanto, as nuvens de incenso perfumam as cerimônias do ritual mosaico, assim como perfumam, ainda hoje, as igrejas romanas em dias solenes. Dar incenso a Deus é o mesmo que louvar a Deus, de um modo mais grandioso.

Santos Óleos

Os crentes não digiram o óleo que a Igreja emprega no batismo, na crisma, na ordenação sacerdotal e na extrema-unção. Talvez pensem que aquilo ficaria mais aproveitado na frigideira, mas, para o cristão, o óleo é o símbolo da pureza da alma, da força espiritual e da doçura da graça sacramental. Acresce que os santos óleos eram prescritos em ritos mosaicos. Moisés unge e santifica o Tabernáculo (Nm 7). Para santificar Aarão, Moisés derrama-lhe na cabeça o óleo da unção (Lv 8, 12).

Na purificação do ex-leproso, o sacerdote punha o santo óleo na palma da mão esquerda e, tingindo ali os dedos da direita, depois de aspergir sete vezes diante do altar dos holocaustos, ungia o ex-doente nas ore-

lhas, no polegar, no dedo grosso do pé, e na cabeça. O óleo vinha com mistura de mirra, cinamomo, cana aromática e cássia (Êx 26, 6). O povo pagava o dízimo do óleo.

Desta maneira, na Lei Antiga, o óleo ungia, santificava e purificava: era um óleo santo, obrigatório para consagrar sacerdotes, reis, altares, alfaias, vestuários, etc. Não há óleo santo entre os crentes, que, mais uma vez, patenteiam o nenhum caso que fazem das usanças bíblicas.

Água benta

Os crentes soltam risadinhas gostosas quando se lhes fala na água benta, que lhes parece água de garrafada, água de pajelança. Ignoram que a nossa água benta teve similares na Bíblia.

Nos Números (13) temos a água lustral, a água da purificação, a água de expiação imposta por Moisés aos que se manchavam ao contacto de cadáveres, de sepulcros, de mobília de defuntos, ou de casa de mortos.

Nos Números (19) temos a água da separação, em cuja falta ficavam imundos os que haviam caído numa impureza ritual.

Nos Números (5) temos a água santa: "e o sacerdote tomará água santa num vaso de barro".

Nos Números (4, 21) aparece a água do ciúme, dentro da qual o sacerdote desmanchava o papiro com a fórmula da maldição. A mulher suspeitada de adultério bebia a mistura: se ficasse inchada, era culpada.

Em S. João (5, 6) temos a água milagrosa, como em Lourdes e Fátima. Na piscina de Betesda ficava curado o enfermo que ali mergulhasse por primeiro, depois de o anjo agitar as águas. Por não haver quem o levasse ao tanque, um paralítico ficou trinta e oito anos esperando pela cura. Jesus mandou que se levantasse, carregasse a cama e fosse embora.

Os católicos usam a água benta. Os judeus tinham a água lustral ou de purificação, a água de expiação, a

água de separação, a água do ciúme, e a água milagrosa. Em fato de água, os crentes só conhecem a água turva em que procuram pescar almas incautas. Se fossem mais bíblicos, julgariam muito racional o emprego da água benta.

Altar

Os hebreus tinham um altar. Não há igreja romana ou oriental sem altar. Não há religião sem altar, e o altar significa a religião. Daí expressão como esta: o trono e o altar, isto é, a monarquia e a Igreja. Perante a Bíblia como perante o senso religioso, não se explica a falta de altar entre os crentes que se julgam sensatos e bíblicos.

Moisés fez também o altar do holocausto em pau ce-
tim, com cinco côvados de comprimento, cinco de largo e três de alto. O côvado era de 0,66 m. Tinha cornos em cada canto. E bem assim vasos, caldeirões, pás, bacias, garfos, braseiros, crivo, pia de cobre e... um espelho na porta da tenda onde as mulheres se reuniam" (Êx 38).

A Bíblia fala também no altar dos perfumes ou do incenso, supramencionados (3 Rs 6, 20).

O altar cristão é citado em S. Paulo (Heb 13, 1): "Nós outros temos um altar, do qual os ministros do Tabernáculo não podem comer". Os ministros do Tabernáculo eram os ministros do altar judaico dos holocaustos.

Não sabeis que os que labutam no santuário, do santuário se alimentam? E que quem serve ao altar, do altar participa? (1 Cor 9, 13). S. Paulo inculca aos Coríntios o dever de sustentarem o sacerdócio que, gastando a vida no serviço do altar, tem direito a uma honesta sustentação por parte dos cristãos.

Uma religião sem o altar, como o crentismo, não é cristã, não é bíblica, não é religião. É uma seita fundada pelo capricho de inovadores completamente alheados da Escritura, da Tradição e da Razão.

Alfaias

Alfaias são jarros, vasos, banquetas, cruzes, flores, jóias, toalhas, cortinas, colchas e outros adornos empregados nas cerimônias. Com toda a boa vontade, a Igreja católica não atinge, em suas matrizes, a suntuosidade exigida por Moisés no Tabernáculo e por Salomão no Templo de Jerusalém.

Vejam o Êxodo 36 e 37: Moisés quis véus, cortinas, colchetes de ouro, bases de prata nas tábuas do Tabernáculo, colunas de pau cetim, candieiros de ouro, ouro no revestimento externo e interno da Arca, mesa laminada de ouro, vasos sagrados, etc... No limite de suas posses, os católicos seguem de longe ao luxo ritual judaico, mas os crentes, com suas Assembléias nuas, nem parecem suspeitar que a liturgia mosaica exigia alfaias.

Paramentos

Nas horas de culto pentecostal não há paramentos. Entretanto, as vestimentas sacras existem na Bíblia, na Igreja romana, na Igreja ortodoxa. Os crentes divorciam-se mais uma vez do uso bíblico. O Êxodo (28 e 38) aponta, entre os paramentos, o peitoral ou racional, o efod, o manto, a túnica branca, o cingulo, a mitra e a folha de coroa de santidade (lâmina de ouro sobre a fronte). A Igreja tem também a mitra, a túnica ou alva, o cingulo, o manto (casula ou capa), o efod (estola). Os figurinos diferem, mas o pensamento é o mesmo: as vestimentas sacras realçam a festa religiosa. Em dias de festas cívicas ou familiares envergamos o melhor do nosso guarda-roupa: é justo que em suas solenidades a Igreja revista belos ornamentos rituais.

Se não há paramentos litúrgicos nas Assembléias ditas de Deus, como os havia no Tabernáculo e no Templo, como é que os crentes se jactam de obedecer à Bíblia, e sòmente à Bíblia?

Sinos

A assembléia não tem instrumentos para chamar os adeptos. A Igreja orgulha-se dos seus sinos, que inspiraram a grandes poetas como Schiller. Os hebreus dispunham de trombetas com toques diferentes para a convocação do povo, para a reunião dos príncipes, para o levantar do acampamento, para os sacrifícios e para que Deus se lembrasse do povo.

Quando fizerdes algum banquete e celebrardes dias de festa e as calendas, tocareis as trombetas sobre os holocaustos e sobre as hóstias pacíficas, a fim de que o vosso Deus se lembre de vós. Eu sou o Senhor vosso Deus (Nm 10).

As trombetas eram, pois, um sinal ordenado por Deus. Os sinos católicos repicam, bimbam e dobram em batizados, casamentos, missas e funerais. Nas Trindades ou Ave-Marias aconselham o fiel a levantar o coração para Deus. Nada disso existe na Assembléia: os crentes limitam-se em badalar contra a Igreja, contra os padres e contra usanças católicas sem o menor respeito pela Bíblia.

Procissões

As procissões são a manifestação pública e natural do culto. Existiram em todas as religiões antigas. A Grécia tinha as célebres Panatenéias e as teorias de Delfos. Roma tinha as procissões dos irmãos arvais. Os hebreus levavam a Arca de Aliança processionalmente, com estandartes e músicas. Além disso, havia romarias anuais ao Templo de Jerusalém.

David ia na frente a tocar e dançar, e o cortejo, avançando ao som das trombetas, parava de seis em seis passos para o sacrifício. David ia cingido de um efod de linho (2 de Samuel 6; IV dos Reis).

Ainda não vimos procissão de crentes. Parece uma aposta: basta que uma coisa conste na Bíblia para que não apareça no culto pentecostal.

Cada tribo tinha sua bandeira (Nm 1, 52) e, na ar-maço do Tabernáculo, que era um ato religioso e mi-litar ao mesmo tempo, cada israelita tinha de ficar ao lado de sua bandeira, como cada irmandade fica ao lado de seu estandarte. Estas bandeiras traziam insígnias da casa dos antepassados, como os nossos estandartes têm dizeres e imagens. Na ordem de marcha ia primeiro a bandeira de Judá e, no fim, a bandeira de Dan (Ns 10). O desfile dos hebreus era religiosamente organiza-do, não somente quanto à disciplina do exército em mar-cha, mas também quanto à disciplina ritual: Moisés or-denava tudo em nome de Deus.

Nas Assembléias ditas de Deus não se admitem pro-cissões nem estandartes como na Bíblia. A Igreja cató-lica, embora com mudanças impostas pelo tempo, acer-ca-se dos costumes bíblicos em suas manifestações públi-cas do culto. Posto que não façamos da Bíblia uma regra única, somos mais bíblicos do que os adeptos da Bíblia única.

CAPÍTULO VI

A DISCIPLINA CLERICAL COMBINA COM A BÍBLIA

Os protestantes são geralmente papa-grades, mas no anticlericalismo os crentes, por mais agressivos, levam a palma. Para o pentecostal, o papa é anticristo, o padre demônio, o celibato eclesiástico impossível, a batina uma saia, a tonsura uma vergonha e o latim um embuste. Dos usos do clero não há um que se livre das investidas pentecostais.

O Papa

A fobia protestante contra o Santo Padre é tradicional: Lutero esbravejou contra o Papa-Asno e o anglicanismo surgiu aos gritos de *No Popery*. Entretanto, caros crentes, o Papa foi nomeado por Jesus na pessoa de Pedro: Tu és Pedro e sobre essa pedra edificarei minha Igreja (Mt 16, 16). Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e tudo quanto ligares sobre a terra será ligado nos céus, etc. (Mt 16). Apascenta meus cordeiros e minhas ovelhas (Jo 21).

Temos no Evangelho a infalibilidade papal: Roguei por ti para que tua fé não venha a desfalecer (Lc 22, 31).

Temos no Evangelho a perpetuidade papal na afirmação de que as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja (Mt 16), na promessa da assistência até ao fim dos séculos (Mt 28, 20). Para fazerem desaparecer do Evangelho o Papa, os crentes teriam de rasgar muitas páginas do Livro Santo.

Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo, mas eu roguei por ti para que tua fé não desfaleça (Lc 22, 31). Satanás anda atrás de Pedro para peneirá-lo. Satanás procurou sempre crivar ou Pedro, ou os sucessores de Pedro. Neste ponto, os crentes, com o seu ódio ao Papa, são os continuadores de Satanás e porfiam por joeirar o Papa, como se no Papa houvesse mister de separar do bom o mau. No rancor contra o Papa, os crentes são adeptos do bíblico Satanás, mas perdem o tempo e o suor, porque as heresias, os cismas, as impiedades e outras portas do inferno jamais prevalecerão contra o sucessor de Pedro.

Os Padres

Deus não deixou padres no mundo, dizia uma velha crente ao ver passar um sacerdote. A verdade é que Deus não deixou somente padres no mundo: deixou o Papa, os bispos, os ministros do altar, os dispensadores dos mistérios divinos, os presbíteros e os diáconos, como lemos no Novo Testamento. São tantos os trechos e são tantas as expressões em que o Novo Testamento designa os ministros que é preciso sofrer de cegueira para não vislumbrar ali o sacerdócio com todos os seus deveres e direitos. Os crentes substituem o padre por pastores improvisados, que deixam de alugar cavalos ou de pôr cana na moenda para explicarem doutrinamente a Escritura, e clamarem a cada instante: está escrito! está escrito!

A tais sábios poderíamos tratar como S. Basílio tratou um cozinheiro imperial, metido a comentador das Sagradas Letras. Disse, pois, o santo: Em vez de esfolares a Bíblia, andarias melhor cuidando dos teus nabos e das tuas couves.

S. Basílio, que era a doçura em pessoa, não mandou o estraga-molhos cuidar de batatas porque, naquele tempo, ainda era desconhecido o precioso tubérculo. Se fossem plantar batatas, os pastores pentecostais presta-

riam um grande serviço à lavoura e à Bíblia. Os crentes querem trocar os padres pelos pastores da Assembléia dita de Deus. Ainda não aparecem muito claras as vantagens da substituição. O mal das nossas paróquias está na falta de sacerdotes. Com um vigário em cada matriz, o crentismo cairia logo qual fruta podre.

O celibato eclesiástico

O celibato dos padres é aconselhado no Novo Testamento. Jesus faz o elogio do solteiro religioso, na enumeração das três espécies de eunucos, mas, prevendo objeções e relutâncias, afirma que a inteligência da castidade pelo amor de Deus não é dada a todos: "Quem pode receber isto, que o receba" (Mt 12, 19). Consta que S. Pedro e o diácono Filipe tinham mulher, mas, uma vez no apostolado, é de tradição que viveram longe das esposas. Por ter sido sempre livre de consórcio, S. João Evangelista teve sempre a predileção do Senhor. E não são poucos os textos favoráveis ao celibato por motivos piedosos.

Aquele que deixar casa, pai, mãe, irmãos ou irmãs, mulher ou filhos, ou terras por amor ao meu nome, receberá o cêntuplo e herdará a vida eterna (Mt 19, 29).

O solteiro cuida das coisas do Senhor, de como agradar ao Senhor, mas o casado cuida das coisas do mundo, de como há de agradar à mulher. Digo isso não para vos enlaçar, mas para vos guiar ao que é decente e conveniente, para vos unirdes ao Senhor sem distração alguma (1 Cor 7, 33-35).

Objeção: O bispo deve ser o esposo de uma mulher, escreve a Timóteo o Apóstolo (1 Tim 3). O padre Figueiredo traduz: importa que o bispo seja esposo de uma só mulher. Ferreira de Almeida traduz: importa que o bispo seja marido de uma mulher. A diferença é capital: segundo Figueiredo, o bispo não deve ser casado e recasado: marido de uma só mulher. Segundo Ferreira, o bispo deve ser casado. S. Paulo preferia os bispos solteiros, mas, se o bispo for escolhido entre casa-

dos, não seja escolhido entre os recasados. Não há nada contra o celibato clerical nestas palavras.

Segunda objeção: há padres que faltam ao voto de castidade, insinuam os protestantes. E que tem isso? Não há tantos pastores que violam a fidelidade conjugal? Os padres escandalosos são a exceção: os pastores prevaricadores são a regra geral. Se os pecados não motivam a supressão do matrimônio pastoral, tampouco devem arrastar a supressão do celibato clerical.

Ouçamos o pastor Forbes Philipp, que não se mostra mui entusiasta pelas bispas protestantes: "Penso que a direção do bispado (protestante) cabe numa larga medida ao outro ocupante do trono episcopal, isto é, à mulher do bispo. A senhora Barchester ou Proudie, segunda detentora da cadeira episcopal, deixa entrever que o prelado não é chefe da diocese, nem de sua casa. Assim aparece esse ou aquele numa prebenda por ser mui encantador, apreciável no futebol, ou fraquinho para trabalhos pesados".

Tinha razão S. Paulo: o bispo protestante Barchester ou Proudie quer agradar à madame Barchester ou a madame Proudie: o sacerdote católico procura agradar ao Senhor.

A batina

Contra a batina, os crentes, ajeitando um monte de gracinhas, sacam um texto em que Moisés proíbe ao homem de vestir como mulher. Se o hábito talar é uma saia por chegar aos calcanhares, então vestiam de mulher Moisés, David, Salomão, Elias, Daniel, Jesus e os apóstolos, com suas túnicas ou seus mantos a roçarem pelo chão. Vestiam de mulher os persas, os gregos, romanos com suas togas e túnicas mui pendentes. Vestiam de mulher Lutero, Calvino e Melancton, que os pintores representam de bata. Vestiam de mulher, na idade média, os alunos das Faculdades, os lentes, os advogados e os médicos, que a história nos representa embuçados em longos roupões. A batina é uma adaptação do

vestuário comprido, que se usava geralmente antes da invasão dos bárbaros e que, abandonado pelas pessoas da sociedade, ficou sendo o privilégio dos magistrados, médicos, professores e clérigos. Longe de ser vestido de mulher, a batina foi sempre a vestimenta das profissões que hoje chamariamos de liberais.

A batina é o sinal da lealdade com que o sacerdote se apresenta. Quando em casa nos entra alguém de hábito talar, sabemos que lidamos com um padre. Pelo contrário, quando acolhemos um homem de fatiota secular, ignoramos se o recém-chegado é um laico respeitador da nossa religião, ou um propagandista do crentismo. A batina é um símbolo de sinceridade: o fato do pastor é um disfarce. Em todo caso, a batina é mais bíblica do que o paletó saco dos predicantes.

Tonsura

A tonsura ou coroa dos padres é, para os protestantes, uma fonte de piadas, pois, dizem eles, os cabelos nada têm com a Bíblia. Pode ser, mas o corte das mechas de Sansão equivaleu, para o gigante, à perda do vigor hercúleo. Pode ser, mas os nazireus deixavam, por voto feito a Deus, as guedelhas alongarem-se durante meses ou anos. Ana, mãe de Samuel, prometeu consagrá-lo ao Senhor por toda a vida e não deixá-lo tosquiar a cabeça (1 Rs 11). Sansão teve o destino de ser nazireu de Deus por toda a vida (Jz 13, 7). Bem se vê que, na Bíblia, os cabelos eram objeto de um voto solene. Nos Números (6) o nazireu, cumprindo o seu voto, apresenta-se ao sacerdote; oferece sacrifícios de pão, vinho e tortas; enfeitam-lhe a cabeça; e, finalmente, atiram-lhe os cabelos ao fogo do altar.

O voto do tonsurado não está em conservar os cabelos, mas em cortá-los parcialmente. Os cabelos compridos eram uma penitência entre os judeus, como os cabelos raspados eram uma penitência entre os pagãos. Em sinal de renúncia às vaidades do paganismo, os primeiros monges meteram a tonsura nos cachos, como, em sinal de renúncia às mundanidades do hebraísmo, cer-

tos judeus andavam de cabelos crescidíssimos. O ato é diferente, mas, em ambos os casos, tem relação com os cabelos e inspira-se na mortificação. Símbolo de abnegação como o nazireato, a tonsura é de espírito essencialmente bíblico.

O latim

Os protestantes não se conformam com o nosso uso do latim. Valentes no manejo do português, embirram com o latinório das sacristias, como diz o povinho. Os crentes que se gabam de falar idiomas estrangeiros nas concentrações das Assembléias ditas de Deus, deveriam ficar encantados com o latim que, para eles, é uma língua ultra-estrangeira. O latim foi, com o grego e o siríaco, uma das línguas primitivas da Igreja nascente e ficou sendo a língua da Igreja ocidental. Até ao século X era a língua oficial em muitas nações, e até ao século XVIII foi a língua das classes cultas. Muitas senhoras carteavam-se na língua de Cícero, sem terem a elegância do grande orador romano.

Mas não seria preferível falar o vernáculo, mais acessível ao vulgo? O latim não é maçônico. A Igreja não conhece orações secretas e todas as partes da missa são traduzidas em vernáculo, de modo que os fiéis podem acompanhar, uma por uma, as palavras do sacerdote. Com o censurarem o latim na liturgia católica, os protestantes perdem o latim, se é que o tenham. Língua estabilizada; língua morta no sentido de que não é mais falada pelo povo; mas língua viva porque muito bem conservada e muito utilizada, o latim não sairá da liturgia nem da dogmática porque, sendo fixado para sempre, ele guarda intactas as fórmulas litúrgicas ou dogmáticas que se alterariam num idioma moderno, sujeito a variações filológicas.

Como Esdras determinou o texto dos Livros Santos, assim a Igreja fixa no latim as verdades da fé. Os crentes criticam muito o nosso latim: em compensação, evitamos de criticar o português dos crentes, pois queremos pagar o mal com o bem.

CAPÍTULO VII

OUTROS ARRANHÕES NA BÍBLIA PELOS CRENTES

Se desse uma volta pelas Assembléias ditas de Deus, Moisés não descobriria sequer um vestígio de religião organizada e jerarquizada, como era a sinagoga com seu papa Aarão, seus bispos pontífices, seus padres sacerdotes, com seus diáconos levitas, com seus religiosos nazireus, com suas freiras ou virgens consagradas ao Templo, com suas missas ou sacrifícios. Não veria nenhum dos sete sacramentos da Lei Mosaica, símbolos dos sete sacramentos da Lei Nova. Perguntaria inútilmente em que teriam ficado certas penitências bíblicas, como a abstinência da carne, o jejum, o cilício, a cinza lutuosa, as ofertas votivas, os votos feitos a Deus e as expiações. Nas Assembléias dos crentes não encontraria, como no Tabernáculo, luzes, incenso, velas, água santa, altares, alfaias, paramentos, trombetas, santos óleos, estandartes e procissões.

Pelo contrário, numa visita a uma simples matriz do campo, Moisés depararia ritos correspondentes aos ritos mosaicos, objetos equivalentes aos objetos mosaicos, e uma jerarquia comparável à jerarquia aarônica. E por quê? Porque a Igreja católica não veio destruir a antiga, mas sim reformá-la e melhorá-la, aproveitando dela tudo quanto fosse aproveitável. Sem ter, como os crentes, tantas declarações de amor pela Bíblia, a Igreja porfia em observar a Bíblia, nos limites traçados por Jesus: daí a sobrevivência de tantas usanças mosaicas no ritual católico.

Sejamos bíblicos antes de tudo! proclamam os crentes.

Se desse uma volta pelas Assembléias, como faria um bom inspetor de costumes, Moisés não depararia coisa alguma de bíblico entre os pentecostais, onde as vozes são mais do que as nozes e as promessas maiores do que os paramentos. Percorramos, um por um, alguns dos antibibliismos pentecostais, e veremos como essa boa gente se desembaraça dos preceitos ou costumes da Escritura.

Um antibibliismo: os crentes negam a intercessão dos santos

Para os protestantes só há um Mediador Único: Jesus Cristo. Não há, pois, mister de santos mediadores ou intercessores. Recorrer aos santos seria, portanto, um trabalho perdido.

Na Lei Antiga, os justos intercediam pelos pecadores. Exemplos: Abraão procura cinquenta, quarenta, trinta, e, finalmente, dez justos que salvem do fogo Sodoma e Gomorra (Gn 18). Abraão roga em favor de Abimelec (Gn 20). Com suas preces, Moisés livra da lepra a sua irmã Maria (Nm 12). A intercessão de Moisés dá cabo das pragas do Egito, repetidas vezes. De braços estendidos, Moisés alcança a vitória para Josué (Êx 17, 12).

Igualmente, os santos falecidos acodem dos limbos a rogo dos fiéis. Moisés vale-se do socorro de Abraão, Isaac e Jacob (Êx 32, 13). Do outro mundo, David ampara sua gente (3 Rs 2). O mau rico pede a intervenção do pobre Lázaro para si e para os cinco irmãos: ora, o mau rico estava no inferno, e Lázaro no seio de Abraão. Devemos arranjar no céu amigos que nos protejam (Lc 16). Eli, Eli, lama sabactani, diz Jesus agonizante: meu Deus, meu Deus, por que me desamparaste? Equivocados pela semelhança das palavras, os judeus pensam que Jesus está a invocar Elias. Tal idéia não lhes acudiria se a invocação dos profetas mortos não estivesse no uso geral (Mt 27).

Negando embora a mediação dos santos vivos, certos protestantes, esquecidos do Mediador Único, imploram

dos irmãos uma reza. Em Abril de 1922, nomeado tesoureiro do Presbitério do Norte, o pastor Bezerra Lima requereu as preces dos presbiterianos. No "Batista Amazonense", o pastor Munguba Sobrinho pedia orações por um irmão enfermo. Em 1923, prestes a entabular uma discussão pela imprensa, o mesmo solicitou as preces dos batistas, para conseguir a vitória da polêmica. Os crentes usam de dois pesos e duas medidas. Condenam a intercessão entre os católicos e, vez por outra, praticam-na dentro do ovil protestante.

Outro antibiblismo: nas casas dos crentes há imagens profanas

Para arredar da idolatria os hebreus ainda impressionados pelos ídolos do Egito, Moisés proibiu toda e qualquer imagem (Êx 20). Eram condenadas severamente as representações de homens, de répteis, de aves, de peixes e de quadrúpedes.

Os hebreus não suportam em suas cidades e muito menos em seus templos uma efígie, escreveu Tácito.

E' contra a Lei termos no templo imagens, ou quadros, ou qualquer outra figura de seres vivos, disseram os judeus a Vitélio, que ia entrar em Jerusalém com águias encimadas pela estátua de César.

Os protestantes manejam o "Imagens não farás", assestando o texto contra as estátuas de santos. Ora, Moisés condenava também os retratos, as estatuetas, ou os quadros que os israelitas poderiam ter em casa. E assim cairiam debaixo da excomunhão mosaica as fotografias, as revistas ilustradas, as pinturas e as esculturas com que os protestantes atuais enfeitam a casa familiar.

Na verdade, nem pecam os católicos com suas imagens religiosas, nem os protestantes com suas imagens profanas. A proibição de Moisés atingia somente os hebreus, propensos à idolatria. Passado o perigo dos ídolos, como nos povos cristãos, está claro que o próprio Moisés revogaria sua lei draconiana contra as imagens.

Contudo, uma vez que os protestantes teimam em aplicar aos católicos o "Imagens não farás", o uso de fotografias e retratos é antibíblico, antimosáico.

Terceiro antibiblismo: a falta de sacrifício entre os crentes

Em honra de Deus ou para pedir perdão, Moisés mandou imolar, no altar, bezerros, touros, carneiros, bodes e aves. Entre os crentes Moisés não encontraria um holocausto, um sacrifício ou altar, ao passo que, entre católicos, daria com altares e sacrifícios. Os protestantes têm horror à missa. Ouçamos as sandices de um pastor batista da João Balby, publicadas em 1921, na "Evolução": "O Cristo do Romanismo está sobre os altares de Roma, onde se diz que vem pela palavra mágica do padre e se manifesta na forma de hóstia. Oh! horrenda blasfêmia! O padre pronuncia certas palavras, faz a solene consagração e então eleva a hóstia. Provai-a: é uma hóstia. Olhai-a: é uma hóstia. Cheirai-a: é uma hóstia. Analisai-a: é uma hóstia. Mas o padre afirma, o Concílio de Trento afirma, as pobres vítimas desta fraude sacrílega afirmam que é nosso Cristo, nosso Deus".

Quantas chocarrices neste trecho! Aliás, os batistas são também pobres vítimas de uma fraude sacrílega, pois lemos no Manual Ford, pág. 137, artigo 14: "Para a Ceia do Senhor, na qual os membros da Igreja, pelo sagrado uso do pão e do vinho, comemoram juntamente o amor e a morte do Cristo". E o Manual adota o texto de S. Paulo aos 1 Cor 11, 29: "Porque todo aquele que o come e bebe indignamente, come e bebe para si a condenação, não enxergando o corpo do Senhor".

Segundo o Manual batista tomar pão e vinho é uso sagrado, é comemorar o amor e a morte de Jesus, é comer ou beber a própria condenação se o comungante for indigno, é enxergar ali o Corpo do Senhor. Ora, caros batistas, provai: é pão e vinho; olhai: é pão e vinho; cheirai: é pão e vinho; analisai: é pão e vinho. Mas o

Manual Ford afirma, os pastores batistas afirmam, a Convenção batista afirma e as pobres vítimas desta fraude sacrílega dos batistas afirmam que o pão e o vinho são sagrados e que neles existe o Corpo do Senhor!

Outro antibiblismo: os crentes não rezam pelos mortos

Segundo Drach, os judeus atuais celebram aos sábados a lembrança das almas e acreditam que os bons se purificam doze meses na parte superior do *scheol*, antes de entrarem na mansão dos justos (*Dict. de la Bible*, art. *Purgatoire*). Judas Macabeu mandou duas mil dracmas a Jerusalém, para sufragar soldados mortos em combate. A coleta foi aceita por todos e a iniciativa admitida no Templo: bastaria isso para demonstrar que a lembrança das almas era praxe judaica e bíblica, porque atos desses não se improvisam.

A oração pelos mortos recebe, no Novo Testamento, bons testemunhos. O pecado leva para uma cadeia donde o pecador só sairá depois de pago o derradeiro vintém. Este trecho de S. Mateus (5, 25) indica o Purgatório, donde as almas saem depois de purificadas pelas orações dos parentes ou amigos, já que não se podem purificar por si mesmas.

Os pecados contra o Espírito Santo não serão perdoados nem nesta vida, nem na outra (Mt 12, 32). Isso dá a entender que há pecados que se perdoam depois da morte, e isso com orações pelas almas.

Hoje mesmo estarás comigo no paraíso, diz Jesus ao bom ladrão. Por que hoje? Porque o bom ladrão podia esperar pela purificação no outro mundo, e entrar no paraíso amanhã ou depois. Vemos aqui uma sala de espera do céu: o purgatório.

S. Paulo pede misericórdia pelo defunto Onesíforo (2 Tim 1-16).

O batismo pelos mortos (abusão em que um vivo recebia o batismo em nome de um falecido) foi desaprovado pelo Apóstolo, mas deixa patente que, naquele tempo, a gente pensava poder ser útil aos finados (1 Cor 15).

A oração pelos mortos foi praxe judaica e bíblica, foi da primitiva Igreja e é prática universal. Houve quem se afastasse do protestantismo por faltar nele a doutrina consoladora e sensata do purgatório. Lutero hesitou antes de negá-la. Calvino reconhece que todos os Padres ensinam o dogma do purgatório, mas diz que neste ponto os Padres se enganaram. O próprio Voltaire confessa que há vestígios do purgatório em todas as tradições universais. Entre os protestantes partidários da expiação depois da morte, o Dicionário de Perujo cita Martensen, Strauss e Schleiermacher. Os crentes acompanham com cânticos e salmos ao cemitério o irmão falecido. Com que intuito? Por fita ou propaganda? Por julgarem útil ao defunto a recitação dos versículos ou canto dos hinos? Ou simplesmente para fazerem um enterro bonito? Se a oração pelos mortos é inútil, os crentes deveriam assistir silenciosamente ao funeral dos aderentes.

Outro antibibliismo: a condenação do culto marial

O pentecostista Samuel Nystrom chamava de balcão à Basílica de Nazaré e de taberneira a nossa Senhora de Nazaré. Ora, Maria é privilegiada na Bíblia.

E' anunciada no Gênesis (3) como a anti-Eva, fadada a esmagar a cabeça da serpente infernal. E' saudada pelo arcanjo: "Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco, e bendita sois vós entre as mulheres" (Lc 1, 28). E' aclamada por S. Isabel: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. Onde me vem (essa honra) que a Mãe do Senhor me visite?" (Lc 1, 41). Maria profetiza de si mesma, no Magnificat: "Todas as gerações chamar-me-ão bem-aventurada, porque em mim fez grandes coisas o Todo Poderoso" (Lc 1, 46). De Jesus diz uma mulher do povo: "Bem-aventurado o ventre que te gerou e o peito que te alimentou". A pedido de Maria, Jesus realiza o seu primeiro milagre em Caná. O último pensamento de Jesus moribundo foi para entregar Maria a S. João e S. João a Maria: ora, S. João representava a cristandade futura,

a humanidade, que assim recebeu Maria Santíssima por Mãe.

Diz de Maria a Bíblia: és esmagadora da serpente, cheia de graça, o Senhor é contigo, és bendita entre as mulheres, és Mãe do Senhor, és bem-aventurada, em ti fez grandes coisas o Todo Poderoso, bendito é o teu ventre, bendito é o teu seio, és Mãe espiritual da humanidade.

De Maria diz o crente Samuel Nystrom: és taberneira de Nazaré. De Maria dizia um pastor no Maranhão: és mãe de quatro filhos. Relativamente a Maria Santíssima, quem é mais bíblico: a Igreja devota ou o crenismo insultuoso?

Último antibiblismo: não há bênção entre os crentes

Os crentes aplicam ao papa, aos bispos e aos padres a palavra de Deus em Malaquias (2, 2): e amaldiçoarei suas bênçãos, diz o Senhor. O texto fere sacerdotes que, em vez de oferecerem animais sadios e comprados, imolavam animais doentes e roubados. A ameaça não atinge nem aos sacerdotes judaicos nem o clero católico. Mais uma vez os protestantes erraram o endereço: podem ficar em casa com o Judas de palha, preparado para os católicos.

Nem todos os protestantes reprovam a bênção. O metodista Justus Nelson, durante as festas do Centenário (1922), deu a bênção apostólica ao pé da estátua da República, em Belém. A Careta (21-1-22) publicou as fotografias da bênção das espadas na Igreja episcopal do Rio.

A bênção na Bíblia é peixe no mar: encontra-se a cada instante. Por meios ardilosos, Jacob recebe a bênção destinada a Esaú (Gn 27). Antes de galgar o monte Nebo, Moisés abençoa as tribos. Os Números (6) indicam o cerimonial da bênção do povo pelos sacerdotes. Salomão abençoa o povo em nome do Senhor (3 Rs 8). Jesus abençoa as crianças, os doentes, os pães, os peixes, o vinho, os apóstolos, etc... As epístolas terminam de

frequente com bênçãos para amigos ou discípulos. Jocosa é a história de Balaão que, montado no burro, foi amaldiçoar os inimigos e teve de abençoá-los três vezes (Nm 23).

Na entrada de Pio VI em Paris, o povo recebia reverentemente a bênção do Santo Padre, com exceção de um moço que, soberbamente, recusava inclinar-se diante do Pontífice. Pio VI venceu a altivez do rapaz com dizer-lhe simplesmente: Curva-te, filho: a bênção de um papa velhinho só pode trazer felicidade.

Do alto do livre-exame, o crentismo veio arrasar o piedoso costume da bênção, mas só chegou a pô-lo em destaque, provocando a enumeração dos exemplos de bênçãos que atulham a Bíblia. Quando vemos esta gente negar o sol ao meio-dia e ocultar o que está claro na Escritura, temos a tentação de dizer: o crente entende de Bíblia como o boi entende de astronomia.

CONCLUSÃO

Poderíamos alongar a lista das violações da Bíblia pelos crentes, mas o trabalho exigiria volumes. Aqui deixamos apenas um pano de amostra. Agora terminaremos com uma reflexão.

Os crentes procuram despovoar a Igreja. Só combatem aos que, como eles, acreditam em Deus, em Jesus Cristo, na Encarnação, na Redenção e na Bíblia. Não pensam em livrar do ateísmo os incrédulos, da irreligião os ímpios, do paganismo o gentio, do materialismo os gozadores, do espiritismo os iludidos, da teosofia os sonhadores, do positivismo os semi-sábios, da pajelança os supersticiosos. Não, senhores: querem evangelizar, querem cristianizar, querem converter os católicos.

E querem converter os católicos brasileiros. A idéia é um tanto estapafúrdia. Não há tantos católicos nos Estados Unidos, no Canadá, e, até mesmo, na Noruega e Suécia? Por que deixar na idolatria os católicos de lá, para somente seduzir os católicos de cá? Por que missionar entre católicos que são cristãos, em vez de catequizar os pagãos, os infiéis, os indiferentes e os sem Deus?

Quando adere ao crentismo, o católico está perdido para a religião. Perde a fé em Deus, a fé na Igreja, a fé na Bíblia. Resvala na indiferença e, de lá, na falta de religião. Um católico inteligente e velhaco pode bandear-se para o crentismo, por despeito, por versatilidade, ou em troca de um pedaço de pão. Um católico inteligente e sincero não pode, em absoluto, ser crente lealmente, porque ninguém passa de uma Igreja multissecular e disciplinada para uma seita que data de ontem e vive de anarquia.

A Igreja católica é a organização mais antiga do mundo, diz uma revista protestante (*Truth and Light*, Agosto de 1929). Sua doutrina, seus princípios e seu culto são idênticos em todas as partes da terra. A propaganda protestante não mira fazer cristãos melhores e mais numerosos, mas destruir a religião católica e fomentar a incredulidade, pois cada católico que virou protestante fará cinquenta descrentes ou infiéis. Em vez de salvá-los, leva muitas almas à perdição, destruindo-lhes a fé nas bases do cristianismo.

A propaganda dos crentes é uma série de crimes: é crime contra Deus, crime contra a Bíblia, crime contra a Igreja, crime contra o bom-senso e crime contra a pátria. Queiram ou não, o Brasil nasceu nos braços da Igreja católica.

ÍNDICE

CAPÍTULO I

QUEM SÃO OS PENTECOSTAIS?

Doutrina pentecostal	5
Programa pentecostal	5
Pentecostais face aos demais protestantes	6
Que trazem de novo e de bom os pentecostais?	6
Os pentecostais desfiguram o catolicismo	7
Invasores das choupanas	7
O fim deste livrinho	8

CAPÍTULO II

ENCONTRAMOS NA BÍBLIA A IGREJA CATÓLICA

Na Bíblia temos a Igreja Católica	9
A Igreja Católica recebe no Novo Testamento um chefe:	
Pedro	10
O Novo Testamento coloca os Apóstolos ao lado de Pedro	10
Ao lado dos Apóstolos o Novo Testamento coloca Bispos ..	11
O Novo Testamento menciona Padres nomeados pelos	
Apóstolos e Bispos	12
Sob a chefia dos Apóstolos, Bispos e Padres, o Novo Tes-	
tamento coloca Diáconos	13

CAPÍTULO III

O NOVO TESTAMENTO ALUDE AOS SETE SACRAMENTOS

O batismo consta da Bíblia	15
Confirmação	16
Penitência	16
Eucaristia	18
Extrema-Unção	19
Ordem	19
Matrimônio	20

CAPÍTULO IV

AS OBRAS DE PENITÊNCIA SÃO BÍBLICAS

Abstinência de carne	22
O jejum consta da Bíblia	23
Os hebreus usavam o cilício	23
A cinza simbolizava a desolação entre os judeus	24
Ofertas ou promessas	24
Os judeus faziam votos a Deus	25
Penitências na Bíblia	25
Festa da expiação	26

CAPÍTULO V

OS NOSSOS RITOS PERANTE A BÍBLIA

Cera	28
O incenso	29
Santos óleos	29
Água benta	30
Altar	31
Alfaias	32
Paramentos	32
Sinos	33
Procissões	33

CAPÍTULO VI

A DISCIPLINA CLERICAL COMBINA COM A BÍBLIA

O Papa	35
Os Padres	36
O celibato eclesiástico	37
A batina	38
Tonsura	39
O latim	40

CAPÍTULO VII

OUTROS ARRANHÕES NA BÍBLIA PELOS CRENTES

Um antibibliismo: os crentes negam a intercessão dos santos ..	42
Outro antibibliismo: nas casas dos crentes há imagens profanas	43
Terceiro antibibliismo: a falta de sacrifício entre os crentes ..	44
Outro antibibliismo: os crentes não rezam pelos mortos ..	45
Outro antibibliismo: a condenação do culto marial	46
Último antibibliismo: não há bênção entre os crentes	47
Conclusão	49

Bibliotéca Apologética

Em boa hora a Editora Vozes resolveu lançar esta série de opúsculos de apologética popular, oferecendo assim armas de fácil manejo para combate às heresias que procuram infiltrar-se em nosso meio. São os seguintes os volumes já publicados:

VOL. 1 — OS PENTECOSTAIS CONSPIRAM CONTRA A BÍBLIA,

pelo P. Florêncio Dubois, Barnabita.

VOL. 2 — O CATÓLICO PERANTE A BÍBLIA,
por Frei Adauto de Palmas O. F. M.

VOL. 3 — OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA,
pelo P. Aristides Taciano.

VOL. 4 — PRO E CONTRA,
por A. M. Lescure.

VOL. 5 — O EX-BISPO DE MAURA E O BOM SENSO,
pelo P. Florêncio Dubois, Barnabita.

VOL. 6 — A ILUSÃO ESPÍRITA,
por Ramos de Oliveira.

VOL. 7 — APOLOGÉTICA POPULAR,
pelo Pe. Cipriano Alvares.

VOL. 8 — O PROCESSO DO ARCEBISPO DE ZAGREB,
por Fiorello Cavalli S. J.

VOL. 9 — DEUS EXISTE?
por John A. O'Brien

VOL. 10 — PODE-SE PASSAR SEM DEUS?
por J. Leday



EDITORA VOZES LIMITADA

CAIXA POSTAL, 23 — PETRÓPOLIS, R. J.

Palavra telegráfica deste volume (Chiti) Broch.